



funções mentais e físicas e é uma condição muito comum, ocorrendo em cerca de 65 milhões de pessoas em todo o mundo.

Nos Estados Unidos, é a quarta doença neurológica mais habitual, ultrapassada apenas pela enxaqueca, pelo acidente vascular cerebral e pela doença de Alzheimer.

Em Portugal, estima-se que atinja quatro a sete mil habitantes. Contudo, o número de indivíduos que, não sendo epilépticos, pode ter uma crise convulsiva durante a vida é de cerca de uma em cada 20.

O tratamento tem de ser altamente personalizado, devendo tomar em consideração os seus próprios riscos e os perigos de mais crises convulsivas.

É mais comum em pessoas muito novas ou mais idosas, mas pode ocorrer em qualquer idade. Embora o tratamento permita a muitos doentes viverem com esta patologia, para outros as convulsões não são controláveis afetando a qualidade de vida em todos os seus aspetos.

Manifestações diferentes

A epilepsia não se manifesta do mesmo modo em todos os doentes, podendo ocorrer crises simples ou mais complexas. Além disso, dependem da localização do foco da descarga no cérebro, podendo afetar a marcha, a face, atividades específicas, ou causar diversos tipos de alteração do estado de consciência, sendo com frequência acompanhadas de movimentos automáticos desproporcionados (vestir ou despir, caminhar, mastigar ou engolir).

Podem ocorrer durante o sono e o paciente tanto pode estar consciente como não se lembrar de nada após o seu término.

As próprias convulsões podem ser de diversos tipos, podendo os músculos ficar relaxados, contraídos ou apresentarem movimentos espasmódicos. Algumas exibem sinais que as antecedem (aura) enquanto outras se instalam sem aviso prévio. ◀

Universidade de Coimbra exhibe teatro sobre algoritmos da epilepsia

Sensibilizar Peça de teatro original intitulada “O Algoritmo da Epilepsia” sobre algoritmos de Inteligência Artificial (IA) para a previsão de crises epilépticas, vai ser exibida de 28 de junho a 2 de julho

Um projeto, desenvolvido por investigadores da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) em colaboração com a companhia de teatro Marionet, vai subir a palco, de 28 de junho a 2 de julho, com uma peça de teatro original intitulada “O Algoritmo da Epilepsia” sobre algoritmos de Inteligência Artificial (IA) para a previsão de crises epilépticas. No último dia, após o espetáculo, está prevista uma conversa com especialistas das diversas áreas científicas, na qual o público está convidado a intervir.

O Theatre@DEI, que agora sai do Centro de Informática e Sistemas da Universidade de Coimbra (CISUC) para o Teatro da Cerca de São Bernardo, em Coimbra, foi uma das ideias vencedoras no âmbito do projeto First Foundation da Feedzai, empresa criada por docentes do Departamento de Engenharia

Informática (DEI).

“Com este projeto pretendemos explicar às pessoas os ritmos da ciência, desmistificar a inteligência artificial e mostrar o seu papel na sociedade”, começa por dizer Mauro Pinto, líder do projeto.

Qualquer lesão que atinja o cérebro pode deixar uma “cicatriz” que é um potencial ponto de partida para crises epilépticas.

Acima de tudo, continua, “queremos melhorar a qualidade de vida dos doentes”. “Estamos muito focados no lado da pessoa, por mais que tenhamos uma visão científica e algorítmica o importante é a pessoa. Queremos dar vida, voz e palco a quem tem a doença”, sublinha o investigador e docente da FCTUC.

Despertar as consciências

De acordo com Francisca Moreira, diretora de produção da Marionet, este é um projeto que “pretende despertar a consciência do público para a epilepsia”.

“Nós próprios não tínhamos muito conhecimento sobre a doença e acreditamos que talvez muita gente também possa não ter, e ao ver este espetáculo vão ficar com uma ideia”, assegura a diretora, acrescentando que o objetivo da Marionet “é sempre levantar questões e pôr as pessoas a pensar”.

“Neste caso, é colocar as pessoas a pensar sobre o que é isto da epilepsia, o que são os algoritmos, como funciona e como devia funcionar”, conclui.

Esta já não é a primeira vez que a companhia de teatro coimbricense colabora com a Universidade de Coimbra. Há já 15 anos que a Marionet dá

palco à investigação e ciência que se faz nesta instituição, interagindo com investigadores e docentes durante o processo criativo. Desta vez, toda a equipa artística teve aulas com o docente do DEI sobre IA, algoritmos e epilepsia. Os artistas tiveram a oportunidade de conversar com doentes e com a equipa médica da Unidade de Monitorização de Epilepsia e do Sono do Centro Hospitalar da Universidade de Coimbra que integra o projeto.

Ao longo deste ano, foram ainda desenvolvidas várias iniciativas abertas à comunidade, nomeadamente uma reunião para discussão do processo criativo e uma plataforma digital em que qualquer pessoa podia submeter ideias para a construção do espetáculo.

Doença neurológica que envolve o sistema nervoso

Fala-se em epilepsia quando

ocorrem, pelo menos, dois episódios de convulsões não relacionados com a abstinência alcoólica, hipoglicémia, problemas cardíacos ou outros. Em alguns casos, basta uma convulsão para se fazer o diagnóstico da epilepsia, desde que exista um risco elevado de ocorrência de mais.

As convulsões resultam de uma alteração da atividade elétrica do cérebro e podem resultar de um trauma, de uma tendência familiar ou não terem causa identificável. Essa atividade ou descarga tem um início imprevisível e é, em geral, de curta duração, segundos a minutos, raramente ultrapassando os 15 minutos, mantendo-se o funcionamento cerebral normal entre crises. Estas têm tendência a repetir-se ao longo do tempo, sendo a frequência variável entre doentes.

A epilepsia afeta diversas